

A ECONOMIA EM RECUPERAÇÃO

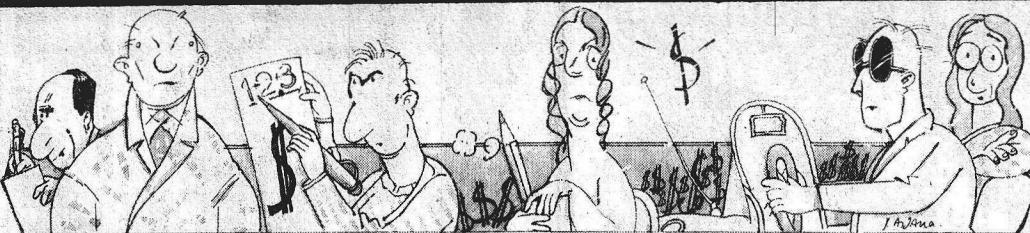
Aeconomia deverá passar um Natal melhor que o de 1983. O aumento das compras agora em novembro já está superando as expectativas de industriais e comerciantes. Os estoques, mantidos cautelosamente baixos em razão da crise prolongada, agora se mostram insuficientes para atender à súbita retomada das compras, reprimidas por muitos meses.

Nesta página e nas três seguintes, o Jornal da Tarde mostra como está acontecendo a recuperação da economia neste final de ano.

Os empresários ouvidos concordam em que a crise começou a ser vencida com a expansão da agricultura e das exportações. Mas outros fatores tiveram impacto mais direto sobre o mercado interno, como o pagamento do PIS, a devolução do Imposto de Renda, a concessão do abono aos mutuários do Sistema Financeiro da Habitação e os reajustes salariais pelo INPC integral com concessão da trimestralidade.

No entanto, o reaquecimento dos negócios, principalmente a partir deste mês, está sendo atribuído à própria inflação: os consumidores estão antecipando compras, preferindo até sacar recursos da poupança, para não pagar preços mais elevados em dezembro, quando a onda alta se acelera com a aproximação do Natal.

Os presidentes das Federações da Indústria e do Comércio do Estado de São Paulo, Luís Eulálio Vidigal e Abram Szajman, respectivamente, dizem que não haverá falta de bens duráveis nas lojas, neste final de ano.



O crescimento das vendas indica que este será um Natal de muitos negócios



Na prática, porém, esta falta já vem sendo sentida em diferentes setores. "A indústria simplesmente não está conseguindo atender aos nossos pedidos", queixa-se Girsz Aronson, dono de uma cadeia de lojas especializadas em eletrodomésticos.

No setor da construção civil, também se observa uma certa demora na entrega de pedidos que os comerciantes fazem às indústrias. Mas como explica Cornélio Galvão, diretor da Celite, fabricante de louças sanitárias, isto se deve menos à reativação das compras e mais à recusa dos empresários de imobilizarem recursos em estoques. Segundo ele, a Celite readmitiu 70% dos empregados que tinha dispensado em maio.

Na área têxtil, a capacidade ociosa ainda é de 15 a 20%, segundo estimativa de Armando Luis Viviani, diretor do Grupo Santista. No entanto, é visível a retomada das vendas. "A crise dos últimos quatro anos, o custo do dinheiro e o recado do ministro Delfim Neto para que as indústrias se equacionassem diante das perspectivas econômicas do País levaram o setor a não formar estoques. Isso é uma pena, pois há uma demanda reprimida", diz Viviani.

Os fabricantes de móveis conseguiram reduzir a sua capacidade ociosa, depois de o número de indústrias, na maioria microempresas, ter caído de 12.600 para 9.860 em todo o País. No entanto, a reativação do setor depende do comportamento da construção, que "ainda não saiu do fundo do poço", comenta o empresário Bernardo Haas, acrescentando: "Compra móveis quem compra ou muda de casa".